

32

58

CARTA

DE UM

EX-VOLUNTARIO

Academico.

PLYMOUTH:

NA IMPRENSA DE LAW, SAUNDERS, E HEYDON,

15, WHIMPLE-STREET.

25.
1828.
11.

Amicus Plato, amicus Cicero ; sed magis amica veritas.

P. Que inconveniente pôde resultar de pôr a calva á mostra aos patifes ?

R. Este gravissimo inconveniente ; pode o Miguel saber em Portugal que entre os Lusos emigrados há amigos do despotismo, fazer-lhes algum partido, tiral-os de entre nós. E se isto acontecer, que desgraça !!!

P. E sabendo os Inglezes que entre nós se-commettem injustiças, não poderão julgar-nos amigos do despotismo, e indignos da Liberdade ?

R. Pelo contrario, conhecendo que o numero dos nossos oppresores é mui diminuto, haõ de concluir da resistencia, que os Voluntarios, e quasi todos os outros emigrados offerecem á oppressão que nós somos cada vez mais dignos da Liberdade, e da Carta Constitucional, por quem tudo havemos sacrificado.

59

- ADVERTENCIA PRELIMINAR.

A falsidade, e impudencia, com que o Redactor do Portuguez Emigrado, em o n. 7 do seu periodico, falla do tratamento, que em Plymouth estaõ recebendo os infelizes, que compõem o deposito do Barracaõ, bem mostra que na sua redacção entra dèdo de padre e é mais um documento para desconfiarmos até do constitucionalismo dos individuos da sua classe.

Em quanto este periodiqueiro, surdo á voz da humanidade e aos ais das victimas do Barracaõ, e dos transportes fretados, fechando os olhos ás injustiças, que entre nós perpetrava C. J. X. havia mais de dous mezes, taõ sómente se-occupou com insipidas, e empyricas declamações, todos guardáram silencio relevando as suas loucuras por considerarem o seu periodico fastidioso e plagiarío como uma daquellas produções, cujo autor tem só em vista fazer alguns vintens á custa dos nescios, que as compram; mas agora que elle fixando a attenção mais perto de si, como há muito tempo devia ter feito, se-atreve a fallar da Administração Portugueza com tanta lisonja e cegueira, e sem aquella imparcialidade, que déve constantemente dirigir a penna do Escriptor Publico, é forçoso que ouça a linguagem da rasaõ e da verdade, e entregal-o á publica execração, visto que só elle não enxérg os factos iníquos, que todos estaõ palpando.

Confesso-te que errei no conceito, que deste sujeito fazia; com esta carta envio te o 7º. servil numero do seu Periódico; vê como se pode cazar a verdade dos factos, que na minha te exponho, com o inenso, que o Redactor nelle tributa.

Esta carta teria sida dirigida ao illustre e philantropico redactor do Portuguez Emigrado, e não a ti, se acaso ella não estivesse já concluida, quando appareceu o numerosinho: mas não importa, em estando de pachorra para afazeres, manda-me desta carta uma traducção em Inglez, que eu quero dar aos Habitantes de Plymouth uma idèa exacta dos vicios da Administração Portugueza, vicios, que elles já conhecem pelos factos, quero dizer, pelo escandaloso contraste de luxo e miseria, que se-observa entre os Portuguezes emigrados em Plymouth, contraste, que demonstra evidentemente a desigualdade dos soccorros, que se-lhes ministram, e por conseguinte a injustiça, com que por estes desgraçados se-reparte o dinheiro Portuguez*; no entanto se-

* Uma instituição fresca entre nós torna mais saliente o escandaloso contraste de que te fallo; pois deves saber que temos aqui, (e ja hontem deu principio á sua tarefa) uma associação de curiosos Portuguezes, cujo objecto é dar ao Publico alguns espectaculos theatrais; a companhia está bem organizada, e tu sabes muito bem que eu não sou inimigo dos theatros; porem ella faz de despeza porora sessenta libras em cada quatro récitas. Ora não seria melhor, mais patriotico, mais Constitucional, mais justo que os quatro shillings, que deu cada assignante, fossem distribuidos pelas victimas do Barracaõ, e por tantos outros infelizes, que ha entre nós? mas para que me canço? que se podia esperar destes patriotas, se o movel do coração humano é o interesse individual, e sendo certo que entre nós ha um taõ bom numero de EGOISTAS? Dirás tu que tais homens estaõ em contradicção com os principios, que se lhes devem suppor, e mesmo com a cauza que se propozeraõ defender; mas que queres? assim vai o Mundo; por toda a parte lampeija o SCEPTROZINHO da arbitrariedade.

està preparando uma resposta mais à letra do tal numero. No comportamento deste Padre, que tu conheces muito melhor do que eu, e a respeito de cuja conducta anterior espero me dê algumas informações, não deixarás de notar a incoherencia de certos Constitucionaes, que fôgem do despotismo do Miguel, para vir na Inglaterra queimar incensos ao despotismo de Candido; e não te escapará que o interesse individual, ou o espirito de Corporação é que motiva provavelmente esta inconsequencia: pois é bem certo que o meu padresinho fallaria outra linguagem, se estivesse em Plymouth nas tristissimas circumstancias de um Voluntario, como eu estive, ou mesmo de um simples Paisano, e se aqui não se-dessem mezasdas avultadas (não sei com que Bullas) a alguns beneméritos Cidadãos de corôa, como tu verás pelo decurso da minha carta.

Quanto a mim, eu estou resoluta a escrever, e a seguir a verdade contra quem quer que ella fôr; estou inabalavel nesta resolução. Que mal me-poderáõ fazer por isto os meus oppressôres? Nenhum porque há mais de 5 mezes que elles despéjam sobre mim o caliz da afflicção e da desgraça. No meio das perseguições repetirei meus juramentos, servindo me da formula seguinte, que há muito nos offerêce um distincto Vate Academico:

Soneto.

Sobre o tremendo Codigo sagrado,
Que forma a Santa Lei do Christianismo,
Juro que hei de guardar com Patriotismo

O pacto social por nós formado
Em hora antes de Lousa esurja irado

O soberbo dragão do despotismo;
Ao pó não tornarei do servilismo,
Ser livre é meu braço, morrer meu fado.

Sou Luso liberal, não sou perjuro,
Do fido coração ninguem me-tira
A lei fundamental, que alegre juro.

A Patria é meu Altar, a Lei a Pyra,
Brilhante eternidade o meu futuro;

Feliz quem pensa assim, e assim expira!

A's ameaças dos déspotas, aos feros dos seus satélites, e ás timidas reflexões daquelles Constitucionaes pusilanimes, a quem tudo se-figura compromettimento, e que por medo de perderem algum interesse pessoal cálam a verdade, e deixam gemer a innocencia opprimida, responderei com o jovialissimo Bingle:

Um Luso liberal, que ama a verdade,
Nada tem que temer, pois não se-embuça
Na pestilente capa da maldade.

Pouco me-importa que este escarre, ou tuça,
E se acaso o fizer, é da Irmandade,
Pôde pôr na cabeça a carapuça.

CARTA

D'UM VOLUNTARIO ACADEMICO.

Plymouth, 2 de Novembro. 1828.

PELAS cartas, que te dirigi de Ferrol, e Corunha, ja estás informado das minhas quixotadas até a quella terra : agora porem te darei parte da minha chegada a Falmouth, e tambem da minha vinda, e estada em Plymouth. De Ferrol á Falmouth cheguei com 15 dias de viagem no dia 9 de Septembro do corrente anno ás 10 horas da manhã. Do que passei no mar nada te digo, por que os desaforos de Neptuno, e as patifarias, que ali soffri dos taes intitulados Commandantes, saõ superiores a toda a expressaõ. Basta dizerte que ali se faziaõ conselhos de averiguação por uma redicula posta de bachalhão ; que se prendia um Voluntario, por naõ poder suster as revoluções das tripas ; que tambem haviaõ sentinélas ás cloacas de ré para ali naõ hirem senaõ homens de facha. Assim post tantos labores cheguei a Falmouth, como já dice, e da terra nada te posso dizer, pois a naõ vi se naõ do mar, por naõ ter nem um chavo para la hir : vi a terra da Promissaõ, mas naõ comi do seu fructo. Aos 11 de Septembro pelas 3 horas da tarde cheguei a Plymouth, vindo de Falmouth em uma falua, trazendo a seu bordo 90 Portuguezes, que delá partio as 9 da manhã, donde conclues, sem hires ao Mestre Nunes, que gastei na viagem de 15 legoas (distancia de Falmouth a Plymouth) 6 horas.— Aqui me tens, patricio, fundeado na barra de Plymouth com toda a minha bagagem, scilicet, 3 bolaxas galégas, que ninguem por mais devorancia seria capás de lhe metter o dente, uns fragmentos de camisa, que o bom d'um Hespanhol me havia dado em Ponte Deume, umas calças, que já tinhaõ provado as tarimbas de Vizeo em 26, e com que sahi de Coimbra, uma farda sem cotovêlos, nada de meias, uns sapatos que queriaõ engolir o que viaõ diante de si, e sobre tudo muito bons piolhos galégos ; confessava o Sr. Miranda, que já tinha feito campanhas na Russia, que nunca os vira maiores. Apenas lançamos ferro, saltou logo em terra o nosso Commandante, que era o tal Senhor Miranda, muito bom Christaõ, que fazia Conselhos Militares no Sancto

Domingo, (a) e passadas duas horas pouco mais ou menos vieraõ-nos conduzir para terra uns piquenos botes. Como estava outro Simonides, fui dos primeiros a pular n'um d'elles. Naõ me cabia o coraçãõ de gosto, por considerar o meu fado mao acabado, e já hia comigo repetindo aquelles dois versinhos, que vem no fim do Gil Braz, (b) quando o bote, em que eu vinha, tocou em um Cais de Plymouth. A curiosidade de ver gente, e terra estranha me fez esquecer das minhas taõ lizongueiras reflexões. Deste Caes condustraõ-me a umas casas, que me diceraõ serviaõ de quarteis aos Portuguezes emigrados. O Deus! quanto é cega a mente humana! A penas entro nellas, conheço que a minha desgraçada sorte nada melhorava da de bordo, se não em habitar em terra!! e que em vez de dormir sobre humidas, e alcatroadas taboas, vinha habitar uma casa pouco melhor que a embarcaçãõ, tendo por leito immunda palha!! Saõ os quarteis dos infelizes, mas honrados emigrados em Plymouth, uns armazens de Madeira de construcão naval, edificados quaze sobre o mar, o que os torna muito humidos, e alem disso muito immundos, por que o seu fim naõ exigia mais asseio, e a mesma palha lançada a garnel concorre para nellas se criar bicharia de toda a qualidade. Os seus arranjos naõ saõ mais que duras cabeceiras de taboas ao modo de tarimba, e uma funebre lanterna no meio de cada salaõ, que á noite pela sna amortecida luz causaria horror a homens, a quem a sorte riõnha naõ apresentasse se naõ quadros, e reflexões de prazer: e que impressãõ naõ causará a entes sensiveis, que deixaraõ a sua Patria sepultada nos horrores da guerra civil, que ignoraõ a sorte de suas desgraçadas familias, o destino de seus mais ternos amigos, a quem o monstro talvez? As janelas naõ saõ invidraçadas, o que nos faz supportar o rigor do frio, pois nem se quer temos um misero capote. Se a providencia nos naõ soccorre, em breve a qui ficaremos todos sepultados! E necessario com tudo fazer justiça a o Snr. Candido Jozé

(a) No dia 7 de Setembro, que foi n'um Domingo, segundo resaõ as folhinhas mais exactas convocou o Sr. Miranda Um Conselho Militar a bordo da Galera Aurora, e n'elle se inquiriraõ testemunhas, para se averiguar se um Voluntario do Batalhaõ do Senhor D. Pedro IV. tinha ou naõ dito alguma cousa contra a alta Personagem do Sr. Miranda. Saõ provas do que digo quantos vinhaõ na dita embarcaçãõ.

(b) Inveni portum, spes et fortuna valette,
Sat me lusisti, ludite nunc alios.

Xavier, Encarregado do Deposito dos Emigrados Portuguezes em Plymouth; este varaõ bem conhecido pelos seus talentos militares, pelo seu exacto desempenho, que tem mostrado occupando por varias vezes em Portugal o lugar de Ministro d'Estado dos Negocios da guerra, e ainda mais conhecido pela sua philantropia e constitucionalismo, mandou dar acada um de nós uma manta de 8 palmos de cumprimento, e 6 de largo, d'um pano semelhante ao de fazer sacas para o arrôz, e algodão na nossa terra, para com ella nos protegermos do pouco frio, que a qui há. Aqui me tens pois, meu amigo, posto nos taes quartéis, embrulhado na minha rica manta, sem poder nem se quer sahir á rua por não ter com que. Muitos dias se passaraõ, em se que fallava em pagamento, até que finalmente chegou esse taõ desejado, em que nos deraõ um mez de soldo e quinze dias de rações, o que tudo somado emportava em 17 Schilins. No acto da entrega desta avultada soma se nos recommendou, que era necessario comprarmos os arranjos, que nos fossem mister. Ora agora faz tu idea, que arranjos compraria eu com 17 schilins, n'um paiz onde uns botins custaõ mais d uma libra? Eu nada tinha se não piolhos, alem disso já devia alguns vintens, que me tinha emprestado um, ou outro amigo para socegar as revoluções da barriga, por que a pezar da raçaõ ser muito boa, ás veses ospiolhos ma furtavaõ: (c) assim é facil de saberes que fiquei no mesmo estado; e que os schilins pouco tempo durariaõ na minha maõ, com tudo comprei alguns trastitos, e entre elles um boné, por causa de que passei no conceito de muitos por ladraõ; eu te conto a historia, e tu d'ella poderás concluir quaõ differente é o character Inglez do Portuguez. Fui a casa d'um mercador Inglez comprar um boné, e depois de o ter ajustado, e pago, pedi ao mesmo Inglez, que m'o guardasse servindo de interprete a todo este arranjo outro que ali se achava, e que como eu, estragava alguma cousa de Francez. Passados alguns dias tornei a casa do meu amigo a pedir-lhe o meu boné, deu-me com effeito um, e era o meu mesmo, peguei d'elle, e parti muito fresco para casa d'um alfaiate, onde tinha mandado fazer algum fatinho; apenas ali chego, eis comigo um sargento de No. 6 de Infantaria, que imperiosamente me ordena, vá

(c) Não quero dizer que a raçaõ é mes quinha, mas sim mostrar agrandeza dos piolhos.

fallar a o homem do boné: como la diz o ditado, quem não deve não teme, fui promptamente onde me ordenava o meu amigo sargento; e como ficaria eu quando o Inglez exige que lhe pague novamente o boné! Respondi-lhe, que já o tinha pago, á que o bruto obstinadamente disia, que tal não era, e que se lhõ não pagasse, promptamente de mim se hiria quixar ao magistrado. O calor com que fallavamos atrahio ali muitos Inglezes, e Portuguezes; aquelles disiaõ todos unanimemente que o seu Compatriota noõ era capaz de pedir um cousa, que se lhe não devesse, quando estes todos me reprehendiaõ, dizendo me, que devia pagar o boné, para honra dos Portuguezes, quando deste modo é quemais os envergonhava, (se é que um homem por ser desta, ou daquella nação, desta ou daquella familia enxovalha pelos seus maos feitos a seus compatriotas, ou parentes, que nenhuma culpa tem de suas açções) de sorte que o Inglez no conceito dos seus não era capaz nem de illudir-se, nem de enganar me, quando eu nõ conceito dos meus Srs. Portuguezes era reputado por patife, e por ladraõ. Como o motim se hia augmentando cada vez mais, e eu estava ja desesperado perguntei-lhe quanto queria pelo boné, respondeo-me que 6 schilins, quando me havia pedido 5 da primeira vez, os quaes eu lhe dei para evitar mais ruido. Apenas acabo de pagar segunda vez o tal traste, chega-se a mim um sargento, e não sei com que authoridade, e por que delicto da minha parte, da-me voz de prizaõ á ordem do Sr. Joaquim Antonio, Tenente Caronel de N. 9 de Caçadores, digno commandante dos taes armazens de desgraçados, sugeito, que tu conheces ainda melhor do que eu. Eis-me pois prezo na caza das palhas, com o meu credito manchado, e sem os meus queridos 6 schilins, qua nestas alturas valiaõ para mim 6 mil crusados. Nos taes armazens, onde estava prezo, encontrei-me com um meu amigo, que tinha sido testemunha da compra, e paga do tal boné: contei lhe todo o aconticido, do que ficou muito admirado, e sentido vendo me taõ injustamente manchado no ponto mais melindroso d'um homem de bem, que è a sua reputaçãõ: este meu bom amigo dice-me, que conhecia o Inglez, que tinha servido de interprete no contracto, e que alem disso sabia onde o mesmo morava: porem propos-me, que voltassemos a casa do mercador, e que com socego de espirito lhe lembrassemos todas as circunstancias da occasiaõ do ajuste, aoque promptamente annui, e sem me limbrar se não do meu credito, e não de prizaõ, partimos para

62

casa do Inglez, onde apparacco outro, que fallava Francez, aquem pedimos quisesse ter a bondade de servir de interprete no nosso negocio. Propôs-lhe pois otal meu amigo tudo miuda, e circunstanciadamente, citando para testemunha o Inglez, que se tinha achado presente no acto da compra, e paga. O mercador depois de ficar perplexo por um pouco, toma do chapeo, diz que vai a casa do tal Inglez, e sahe: passados 5 minutos entra pela porta dentro, abre a sua gaveta, e entrega-me 6 schilins, dando me muitas satisfações, e dizendo-me que estava prompto a declarar a veracidade do factó, aquem, á sua casa quisesse saber. Se o Inglez obrou de boa ou má fé não me atrevo a decidi-lo, pois que uma falta de memoria podia occasionar o succedido, e eu alem disso não o conheço para julgar mal da sua probidade. Passado isto, fiz meia volta a direita, e ainda não tinha entrado a porta do quartel, quando um sargento me entima a ordem de hir á casa do Senhor Candido Jozé Xavier; para la me dirijo, e depois de ter esperado umas boas duas horas chega o tal Sr. Tenente Coronel, de Caçadores-9 e de pois de dizer-me que hiadar parte a S. Exa. do vergonhoso factó que eu havia practicado, e outros desparates desta natureza, lhe ponderei o caso tal qual tinha sido, queixando-me do sargento por me haver enxovalhado publicamente, e exigindo se-me desse uma satisfção: que resposta me daria e Senhor Joaquim Antonio? dice me que o Sargento havia obrado muito bem, e não se fiando no que eu lhe havia dito, practicou comigo a fina civilidade de mandar a casa do Ingles, um sargento que sabia tanto, como elle, da lingua Inglezâ para saber se era verdade o que lhe tinha exposto. Enquanto a mim mandou-me para o quartel até nova ordem, que até ao presente nenhuma tim sido. Daqui facilmente tu podes concluir que a não descobrir-se a verdade eu passaria por ladraõ aos olhos daquelles que julgaõ as cousas pela apparencia. Mais feliz do que eu foi o Brandaõ de Montemor, que tendo sido ha dias tractado de caloteiro em presença de todos os voluntarios por uma ordem do dia do Sr. C. J. X., na qual se dizia que o dito voluntario não havia pago o aluguel das casas em que morava, foi hoje reintegrado no seu credito por outra ordem do dia domesmo Sr., confessando que havia sido por engano! E assim se insulta impunemente um Cidadão em publico, manchando a sua reputação, a cousa mais preciosa d'um hoinem de bem? Supponhamos que a injustica ja não tinha remedio, quem era o culpado desta falta? o Juiz

que tinha dado a sentença sem estar informado da existencia do facto. Por estes dois factos, que te refiro, podes concluir que nem aqui estamos livres do jugo despotico d'esses Senhores, aquem a imperiosa lei da necessidade obriga a estarmos sujeitos, e que querendo fazer no mundo o papel de liberaes, são ainda mais despotas, e mandões do que o mesmo despota de quem fugirão. Não quero continuar a fazer algumas reflexões mais a este respeito, por que talvez a minha indignação me fizesse exceder os limites que me tem marcado a prudencia, fundada no solido alicerce da experiencia.

Quando os estudantes aqui chegaraõ cobertos de miseria, vendo que nenhuma providencia se davaõ para adoçar a sua misera sorte, não tendo mais que de vinte, em vinte quatro horas uma mesquinha raçaõ, quizeraõ reccorrer a abrir uma subscripção em seu favor pelos habitantes de Plymouth, o que apenas sabido pelo Sr. C. J. X., deu motivo a apparecer uma ordem do dia, em que os Estudantes eraõ tractados de Portuguezes degenerados, dizendo outras muitas cousas em desabono de taõ briosos mancebos, de sorte que por esta taõ justa providencia nos conservou na mesma miseria, obrigando-nos a soffrer a irresistivel guerra da fome. Não, Sr. C. J. X., um homem já mais se degenera, quando por causa de reveses não esperados a sorte o constitue no estado de se acolher a beneficencia, e philantropia de seus semelhantes; degenera se sim quando toma armas contra a patria, quando é surdo aos clamores da humanidade afflicta, quando calunia a innocencia, e practica outras accções pelas quaes merece ser degradado de viver na Sociedade humana. Mas como querias tu que o nosso protector de 1827 o não fosse tambem em 1828? Vamos a diante que ainda a qui não paraõ as minhas desventuras, e as de meus companheiros. Alem dos quartéis immundos que habitamos em terra, ha aqui surtos no porto quatro navios fretados, que servem para o mesmo fim, e alem disso para prizaõ da quelles que commettem alguma falta. Estes quartéis são mais insupportaveis, ecruéis que os de terra, por que alem da privaçaõ de nem se quer podermos passear, se não dentro do pequeno espaço da embarcaçaõ, estaõ os miseros que para ali são mandados sujeitos a toda o rigor do tempo, sem terem roupa com que se possaõ defender das injurias d'elle, de sorte que estaõ ali mais expostos a perderem a preciosa saude. As camas são as mesmas que as de terra só com a diferença

que em lugar de palha tem alcatraõ, e mais humidade por estarem no mar. Aqui as tarimbas são feitas ao modo das dos navios do trafico da escravatura, e do mesmo modo se arranjaõ os infelizes que para ali são mandados. Abordo d'um destes navios foi o nosso amigo Carneiro atacado d'uima constipação, que o levou para a outra vida. Muita gente boa, diz que estas embarcações tinhaõ sido fretadas para o Rio de Janeiro, o certo é que abordo se metterão mantimentos, pois ali se tem dado razão de salgado: seja o que for, o certo é que para ali somos mandados, como faz D. Miguel aos infelizes Constitucionaes de Portugal; com effeito nem aqui estamos livres de quem siga o exemplo do Menino!.... Alem disso sendo o bordo reputado como um lugar de castigo, ali paga tanto o justo como o pccador. Agora quizera saber se quando voluntariamente me alistei foi para ser manheiro? Não sei em que concorra directa, ou indirectamente o estar a bordo para a causa do Senhor D. Pedro IV.? Dizem que o motivo por que assim se pratica é por que as leis Inglezas não permitem tropa estranha no seu territorio: mas pergunto eu nõs estamos como força armada, ou como inermes e pacificos emigrados? O Deposito Hespanhol em Londres (e é na capital,) esta a bordo? Ninguem dirá que sim. As Leis Inglezas não vedaõ o seu territorio a qualquer estrangeiro, a quem seus negocios, ou seus fados obrigaõ a residir nelle, comtanto que naõ pratique factos contra as eis do paiz: em quanto a mim os tais navios fretados encobrem misterio, que te contarei quando fallarmos, por ora só te advirto, que os Academicos são destacados, como qualquer soldado de linha, para este importante serviço de bordo, sem embargo de terem feito á mais de vinte dias um requerimento fundado em boas rasões, para de um tal serviço serem isentos; uns dizem que o empate deste requerimento procede da ma vontade que o Encarregado da Administração dos soccorros há muito tempo consagra aos Estudantes de Coimbra; outros porem affirmaõ que uma demora taõ escandalosa, e anti-constitucional deve attribuir-se a obstrucção, que padece a via competente, todas as veses que por ella pertende passar algum requerimento, que naõ seja recheado de servilismo, ou concebido em termos um pouco mais livres, alguns tem esta ultima oppiniaõ como certa; eu por mim não sei qual déllas será mais exacta, pois se de uma parte é certo, que a tal via competente padece suas obstrucções, d'outra é naõ menos evidente, que o Encarre-

gado da Administraçãõ naõ tem muito boa vontade aos Alumnos de Minerva; por quanto pornaõ tornar a fallar na descompostura, que elle mandou dar, em lugar de soccorros aos que sollicitavaõ dos Inglezes uma subscripçãõ, discompostura ainda mais absurda, e precipitada, do que a que o mesmo Senhor mandou dar ao Brandaõ, e da qual se retractou, temos para o crer alem de outros muitos factos os dois seguintes; primo o indefferimento d'um requerimento justissimo em que os Estudantes, fundados em rasõs de interesse tanto publico, como particular, lhe pediaõ maudasse pagar as rações adinheiro; C. J. X. indifferindo a este requerimento, alem de hir contra o interesse do estado, esqueceu-se certamente de que aos Cadetes, apezar de serem simpleses soldados, se estaõ pagando as rações a dinheiro, ou para melhor dizer, esqueceu-se da quelle luminoso principio de Direito Natural, consagrado na Carta Constitucional, que diz, a lei será igual para todos &c. Mas naõ admira, por que o Senhor Candido negou aos Academicos aquillo que está concedendo a qualquer Official superior ou inferior, que seja; o 2º facto é o naõ mandar elle abonar as mesadas aos Estudantes, que para isto lhe fizeraõ tambem um requerimento, ao passo que as está abonando aos Cadetes, mesmo aos naõ reconhecidos; o Senhor C. J. X. neste despacho naõ se lembrou, que um Academico vale bem um cadete, que os Cadetes vaõ estudar a Coimbra, e que um Estudante tem sido muitas veses empregado no Exercito Portuguez com patente de Alferes &c Naõ te persuadas porem que todos estaõ, como nós, taõ desgraçados, pois aqui tambem ha a padrinhados. Ha classes misteriosas de escrivães, padres, frades, &c. a estes nada falta. Muito bom é ter coroa seja de metal, ou ao modo de Chino! Bem queria meu pai que eu fosse frade, juizo tinha o velho, mas naõ o teve o filho. Porem naõ há mal que sempre dure: a nossa sorte vai mudar de face: vai-se-nos dar uma rica farda e calças, que emportaõ em 16 schilins e 10 pences, com as suas competentes barretinas de papelaõ, que pertendem dar-nos acusta do nosso misero soldo; vê tu que asseado naõ entrará em Portugal um Escolastico Luso! Em quanto a mim, eu eston resolvido a hir em breve dar-te um abraço, e a contar-te de viva voz todos os insultos, todos os baldões, por que tenho passado; eu espero provar-te, pelos factos que nesta retirada tenho observado, que o partido Constitucional, bem como o Corcunda, naõ é outra cousa mais, fallando em

64

geral, do que uma colleção de egoistas; que o interesse pessoal é sempre o movel do coração do homem, quaes quer que sejaõ as suas opiniões politicas; e que por isso é forçoso desesperar de vcr realisados os grandes projectos do bem publico, em quanto se naõ achar a arte de fazer d'elle um interesse particular á aquelle quem o interesse commum faz uma impressaõ fraca, por isso que o affecta remotamente; a respeito dos Constitucionaes Portugueses heide convencer-te de que a maior parte d'elles andaõ, neste mundo por ver andar os outros, por que ou ignoraõ totalmente os direitos do homem, e do cidadão, ou estaõ em continua opposiçaõ d' acções com alguns bons principios, que tem. Espero igualmente que has de concordar comigo, em que o despotismo, e a oppressaõ está na rasaõ directa do soffrimento de suas victimas; e que por isso naõ ha senaõ um meio para conservar a liberdade, que é, resistir á mais leve injustiça, ao mais leve acto de oppressaõ, logo que elle se manifesta; has de reconhecer, que por ser reo de infração deste grande preceito da rasaõ natural, é que o Batalhaõ Academico perdeu toda a sua representaçaõ, e consideraçaõ em Plymouth, sendo em tudo equiparado aos Batalhões de soldados mercenarios, chegando a dar aos habitantes de Plymouth o spectaculo de hirem ao assougue buscar a carne para os quarteis, perdendo pela sua falta de inergia aquella moral influencia, que em 1808, e 1826 obrou taõ prodigiosos effeitos.

Heide refirir-te o modo como na Inglaterra se está distribuindo • dinheiro Portuguez; e tu ao ouvires a injustiça, com que esta distribuiçaõ se faz, has de pasmar que ainda haja um só voluntario em Plymouth; has de rir-te mesmo ao saberes que aqui todos os Emigrados recebem mesadas, menos o Academico, e o Voluntario; e que com o pretexto de serem empregados publicos se estaõ aqui dando mesadas exorbitantes, e que nenhuma proporçaõ tem com os ordenados que mandaõ dar as leis Portuguesas. Finalmente ao ouvires a relaçaõ de tantas injustiças, e d'abusos taõ salientes, e ao saberes que os emigrados Constitucionaes nem se quer fallaõ em Cartã Constitucional, has de convencer-te que o interesse individual é a unica molla das acções destes Constitucionaes; e que as Auctoridades administrativas do dinheiro Portuguez parecem naõ terem tido em vista outra cousa mais do que estes tres objectos 1º dilapidar o dinheiro Portuguez, 2º attrahir contra si o odio dos Academicos, e de todos os voluntarios, 3º desfazer deste modo

a força Constitucional, que se acha na Inglaterra. E na verdade qnazi todas as medidas até aqui adoptadas tendem indirectamente a este ultimo fim. Depois de tudo isto pensarás, como quiseres, do partido Constitucional Portuguez, que eu estou bem convencido, de que taõ asno è o que por elle dá cavaco, como o que faz profissaõ de corcunda. Muito e muito mais tinha adizer-te, mas por agora ponhamos ponto, que assás prolixo tenho sido nesta minha carta; bem me podes perdøar esta falta, que é uma consequencia do odio que tenho ao Despotismo. Saude &

Teu Amigo

S. M. L.

POSTSCRIPT.



COMO o navio ainda se demora, por isso não posso resistir á tentação de te diser mais alguma cousa a respeito das circumstancias lamentaveis, em que se acha o Corpo Academico em Plymouth. Tu ja debes saber o heroismo com que esta porção da Nação Portuguesa soffreu todos os trabalhos, todas as privações, durante, a retirada e captiveiro na Galiza; entãõ foraõ os Estudantes modellos admiraveis d'uma resignação legitima, por que era consequencia das circumstancias, em que se achavaõ todos os Portugueses emigrados; agora não se pode considerar como legitima a resignação dos Academicos, sendo certo que ao passo que elles, estaõ sugeitos ás mais crueis privações, se está distribuindo ás maõs cheas o dinheiro Portuguez por uma infinidade de parasitos, que em Plymouth naõ saõ outra cousa mais do que emigrados, e que devendo ser todos considerados como tais para o effeito de sé economisar o dinheiro publico, só tem os estudantes, o rigoroso direito, aos objectos necessarios para satisfaser as primeiras necessidades da vida; pois quanto aos ordenados sò se deviaõ pagar á aquelles que a isso em Portugal tivessem direito. Talvez estas minhas ideas te pareçaõ mais conformes á Carta Constitucional. Dizem que o Senhor Candido J. X. fãa a repartiçaõ do dinheiro por umas, naõ sei que instruções, que o Exmo. Senhor Marquez de Palmella lhe enviou em lugar de Carta Constitucional, quero dizer, para lhe servirem de norma, e lei fundamental; o certo é que para, conheceres, as classes e os direitos, que as tais instruções marcaõ a cada emigrado é necessario raciocinar bem a posteriori, pois ate o dia de hoje ainda naõ foraõ promulgadas, isto é publicadas, e lidas a todos os emigrados Portuguezes como era de rozaõ, que se fisesse; para qualquer ser admittido ás tais classes é percizo ouvir primeiro dizer que um outro, como elle, já se acha admittido, e requerer depo.s ao Senhor C. J. X. em ar de quem da Classe tem extra judicial noticia; aqui verás a rãsaõ por que eu fallando acima destas classes lhes chamei misteriosas.

Passo agora a fallar-te d'outro objecto não menos importante, a saber, do soldo que aqui se dá a um Vol. Academico, e da raçaõ, que elle recebe cada dia. Quanto ao soldo, por alta lei dos penetraes sagrados, paga-se-lhe, como a um soldado de primeira linha, isto é, quatro vintens em dinheiro Portuguez, que correspondem a 5 pences Inglezes; e isto não é pouco, por que aqui se rosnou que deviamos receber soldo de Milicias, que consiste em a metade desta quantia; creio que os A. A. desta opiniaõ se fundariaõ na grande rasaõ que os voluntarios saõ auxiliares; é superfluo dizer-te que esta mesquinha quantia se não paga cada dia e ainda menos adiantada, passaõ se quinze dias vinte, e mais sem que o tal soldo se pague, de sorte que quando se recebe ja senaõ pode matar com elle a fome dos 15, 20 e mais dias, que soffreu a barriga do padecente. Das camas, e quarteis já acima fallei; vê agora que tal é o paõ nosso de cada dia. Manda-se-nos dar por dia, um arrate de paõ, 7 onças de vacca, uma onça de toucinho, um quarto de arrôz, e uma folha de repõlho; ás sextas, e sabbados recebemos, como bons Christaõs, bacalhau bem mao em lugar de vacca com algumas batatas, e uma lagrima d'azeite para tempêro. Esta raçaõ seria sufficiente para hirmos tendo maõ na existencia, se o soldado a recebesse inteira, mas naõ sei por que magicas elle recebe com pouca differença só metade d'quellas quantidades; em consequencia do que este paõ nosso de cada dia chega-nos apenas para um sobrio jantar. Digo que da raçaõ apenas se recebe metade, por que um de meus collegas tendo o cuidado de a pezar quazi todos os dias, acha em suas experiencias sempre o mesmo resultado, que te digo.

Naõ quero tambem deixar no esquecimento o seguinte facto. Por occasiaõ de Chegada da S. D. Maria 2^a armaraõ aqui um piqueno Theatro, em que representaraõ o Drama-Zulmira; os vates Academicos recitaraõ seus versos et cetera, porem foi curta a duraçaõ deste pobre Theatro, por que ao quarto dia de vida foi mandado demolir por uma ordem de C. J. X.: não se sabe a rasaõ por que elle deu este passo; alguns conjecturaõ, que seria por que os Poétas só elogiaraõ ao Exm. Brigadeiro Pizarro, e naõ a elle, e querem que por este motivo é que elle não foi assistir a repetiçaõ da peça; eu porem naõ creio que um varaõ taõ serio, como C. J. X, desse um cavaco taõ solemne por uma cousa taõ redicula: o certo é que o Theatrinho foi derribado á sua ordem.

Agora vas tu saber d'um despotismo de Candido practicado comigo. C. J. X. sabendo que se estava a imprimir esta mal alinhavada carta, quiz vingar-se do seu A. d'um modo que lhe dá muita honra. Mandou-me prender para bordo d'un dos transportes a qui surtos, com toda a recommendaçã d'um preso de Estado; ja se sabe sem dar o motivo da minha prisã, que outro naõ, era se naõ o antigo costume do sic volo, sic jubeo. Requeiro a Candido, dizendo-lhe que para bordo naõ hia, já por que me naõ permittia o meu estado de saude, já por que n'elle naõ reconhecia auctoridade alguma desde então avante, restando-lhe o recurso, (se é que eu tinha commettido algum delicto) de se queixar ao Maire. Candido esquecendo-se que requerimentos escriptos tem despachos escriptos, mandou-me verbalmente dizer, que de bordo requeresse. Sabida a minha infeliz sentença queria o Senhor Antonio de Passos d'Almeida Pimentel, que eu fosse a força para bordo, respondi a este exacto de observador das ordens de Candido, que lá naõ hia, o que deo motivo ao meu Amigo Passos officiar a Candido sobre a minha deso bediencia, tendo o seu officio em resposta, que esta lhe veria ter ao Barracaõ. Conhecendo o humor de Candido, e vendo-me retido em uma casa particular taõ injusta, e despoticamente com offensa das leis da terra em que habitava quiz fazer um requerimento ao Maire, para lhe pedir a protecção das leis Inglezas; ignorando porem esta lingoa, pedi a um Alferes do Batalhaõ do Senhor D. Pedro 4º, por nome Manoel Pereira Barboza, versado n'ella para que tivesse a bondade de m'o fazer; e qual seria a resposta do tal Senhor Alferes? ouve e pasma, (sem vergunha o naõ digo) respondeu me que se naõ queria comprometter com o Illmõ. e Exmo. Senhor C. J. X., que lastima!! que vergonha! que baixesa! Será possivel, que um Official de taõ distincto Corpo se reccusasse á uma justa acção para se naõ comprometter com C. J. X.? Candido será algum Sultaõ? naõ o creio, mas ao meu Alferes assim se afigurou, pois temeu-se naõ exercesse n'elle o jus vitæ, et necis. Que te parece este liberalsinho? elle o será, mas o factõ é deponente, e o seu porte naõ passou do de um servil. Vé, Amigo, que tal é este Cataõ, este Cassio, este Regulo, e este Bruto Portuguez! Todavia o fiz eu em Francez, do qual naõ tive resposta por naõ estar o Maire em casa. Bem me podia eu hir embora, mas, para naõ comprometter o official que havia responder por mim, esperei a té a noite, e seriaõ 6 horas quando me mandou chamar

o Senhor General Pizarro, (pois nesse dia tinha tomado o commando do Deposito, por haver o meu persiguidor partido para Londres) e perguntando-me se queria ser mais seu subdito, lhe respondi que não; então S. Exa. me mandou para casa. Não se me deu ainda motivo legal da minha prisão, todavia sei por pessoa fide digna, que o motivo que dera C. J. X. fora por que eu pertendia publicar um folheto e contra elle, e contra S. Exa. o Senhor Visconde de Itabaiana. Em quanto á C. X. direi, que quem não quer ser lobo, não lhe vista a pelle. Em quanto a S. Exa. o Senhor Visconde eu n'outra te mostrarei o como se portou para com seus compatriotas, e as providencias que deu para os tirar da miseria em que nos achamos: alem disto S. Exa. não constituiu C.X. seu procurador. Candido esqueceu-se que o seu despique foi mui baixo, e grosseiro, que eu estava n'um paiz, onde lhe não compettia estabelecer censura, e que o seu recurso era o jury, e não o meio ante-liberal, e inquisitorio de que usou para comigo. No dia da minha prisão para bordo o Geo parecia ter declarado guerra á terra, o mar estava furioso, tanto assim que já se havia voltado um bote, morrendo nesta desgraça um marinheiro Inglez, o que deu motivo ao meu Amigo Joaquim Antonio dizer, que a não ser o mau tempo, eu hiria para bordo ainda que fosse pelas orelhas.

Mas eu sempre ouvi dizer tal bestunto tal sentença. Que podia sahir d'um leigo que não teve pejo de ler aos voluntarios os artigos de guerra, dizendo que um voluntario pelo simples facto de receber opret, é em tudo um soldado, e como tal está sujeito ao regulamento militar? de um homem que não reflecte que se um Vol. em Plymouth recebe de estado os 5 pences, e a misera ração não é como soldo, por que um voluntario não é soldado mercenario, mas como um soccorro, que o Estado lhe deve prestar visto que por causa do Estado é que os voluntarios perderão, e talvez para sempre, o que tinham de mais preciozo em Portugal.

Aisto acresce que todo o voluntario, que tem bens para isso, está prompto a indemnizar o Estado das despezas que com elle tiver feito logo que entre em Portugal, pois são todos soldados briosos, e não venaes.

Adeos meu Amigo, basta de post scripta, que é quazi igual á carta: tu acharás tanto em uma como em outra bastantes repetições escusadas, e algum desalinho de estilo; mas adverte que eu me propuz somente

escrever verdades, e que a presteza com que esta foi escripta me nuctorisa a exigir de ti indulgencia, para com as faltas de elegancia, que encontrares. Na resposta á esta minha não te esqueças mandares-me algumas reflexões relativas ao modo como se deve distribuir pelos Emigrados o dinheiro Portuguez; quero ver se as tuas ideas se conformaõ com as minhas; e dezejo que discurras sobre a soluçãõ deste problema, o qual julgo de primeira importancia para fixar de uma parte os direitos de cada emigrado, d'outra as correlativas obrigações de seus administradores: importa muito saber, qual é a baze verdadeira, que elles deviaõ tomar fara fazer uma justa distribuiçãõ do dinheiro, que se acha á sua disposiçãõ, para prover as necessidades dos Emigrados Portuguezes? Em fim concludo repetindo do tal Senhor Candido o que outrora dice Cicero de Catilina quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? quamdiu nos etiam furor iste tuus eludet?

Adeos até sahir outro navio,

Teu Amigo

S. M. L.

12

THE HISTORY OF THE

REIGN OF

CHARLES THE FIRST

BY

JOHN BURNET

OF

THE UNIVERSITY OF OXFORD

IN TWO VOLUMES

THE SECOND

LONDON

Printed by J. Sturges, at the Black-Swan, in Strand, 1704.

Printed by J. Sturges, at the Black-Swan, in Strand, 1704.

Printed by J. Sturges, at the Black-Swan, in Strand, 1704.